

M. J. ARLIDGE

Autor bestseller do *Sunday Times*

O MUITO
AGUARDADO
**NOVO
LIVRO**
DO MESTRE
DO THRILLER

O
DOM
DA
MORTE



**TOP
SEL
LER**

**ELA OUVI OS GRITOS DELES
ELA SENTE O SEU MEDO
AGORA, ELA É A ÚNICA ESPERANÇA QUE TÊM...**

*Para a Jennie,
cujos dons são reais*

Nada na vida é para ser temido;
apenas para ser compreendido.

MARIE CURIE

LIVRO PRIMEIRO

1

O choque do impacto, e depois um ato de bondade.

Era hora de ponta e a North Michigan Avenue transbordava de almas. O passeio estava repleto de empregados de escritório, de pessoas às compras e de turistas ávidos de experimentar a magia da «Milha Magnífica» de Chicago. O avanço era feito aos soluços e Kassie manteve a cabeça baixada enquanto zigzagueava por entre a multidão. Raramente se aventurava a ir ao centro de Chicago — arriscava ir a norte apenas para roubar roupa e cosméticos nas lojas de luxo — e estava ansiosa por regressar à periferia familiar dos subúrbios do sul.

Mantinha o olhar preso ao chão — via a aproximação de pés e desviava-se deles no derradeiro momento —, mas a sua concentração deve ter vacilado por momentos, porque, de repente, embateu contra algo duro e firme. A força da colisão foi tal que a projetou para trás. A pasta deslizou-lhe do ombro, as roupas roubadas espalharam-se pelo passeio, no momento em que se estatelou no cimento repleto de pastilha elástica. Caiu de costas, o cóccix colidiu violentamente com o chão, o choque tirou-lhe o fôlego e deixou-a atordoada.

Deixou-se ficar sentada por um bocado, consciente do ar ridículo que deveria apresentar, mas incapaz de se mexer. Para sua vergonha, sentiu lágrimas a formarem-se nos olhos.

— Estás bem?

A voz pareceu-lhe vinda de longe, mas, mesmo assim, conseguiu sobrepor-se ao ruído das buzinas dos táxis na avenida movimentada.

— A culpa foi toda minha. Não te vi...

Kassie apercebeu-se da presença de um homem agachado junto dela.

— Às vezes fico tão alheado que nem vejo o que está mesmo à minha frente...

A voz dele era amável, calma. Kassie sentiu-se ainda mais parva — se o choque era culpa de alguém, era *dela*. A mãe dizia-lhe sempre que era uma desajeitada.

— Espero que não te tenhas magoado — prosseguiu a voz. — Se precisares de ir ver se está tudo bem...

— Eu fico bem — respondeu Kassie de pronto. — Não quero demorá-lo.

Ela não erguera o olhar para ele, mas percebeu, pelos sapatos de couro imaculados e pelo fato caro, que não pertencia ao seu mundo. Era óbvio que tinha estatuto, dinheiro e, presumivelmente, pouco tempo para ajudar alunas do secundário que faltavam às aulas.

— Anda, deixa-me ajudar-te.

Foi-lhe estendida uma mão forte e confiante. Grata, agarrou-a e num instante estava de novo em pé. A dor desaparecera e ela só queria ir-se embora, temendo que um dos muitos agentes da polícia que patrulhavam a North Michigan Avenue se interessasse pelas peças de roupa espalhadas pelo chão.

— Obrigada — murmurou, sempre de olhos fixos no chão.

— Ora bem, tens a certeza de que não há nada que possa fazer por ti? E que tal um táxi?...

A voz dele era tão simpática, tão reconfortante, que, agora, não conseguiu resistir. Olhou para cima, observando o queixo firme e barbeado, os caracóis castanhos e os olhos fundos, castanho-claros. O homem sorria, com os olhos a cintilar de boa disposição, mas de repente Kassie paralisou.

Contara encontrar bondade, até serenidade, na expressão dele. Em vez disso, ficou cara a cara com a morte.

2

Ele descia ao submundo.

A Prisão do Condado de County era imponente, vista de fora, com os seus muros altaneiros e arame farpado, mas ainda mais perturbadora por dentro. As passagens subterrâneas que davam para as celas eram deliberadamente labirínticas, tendo sido retiradas as placas e as direções para entrar tentativas de fuga, e até os visitantes habituais se perdiam. Além do mais, o estridor que acompanhava quem andasse por ali — os assobios, os gritos e berros — era incessante, servindo apenas para ampliar a ansiedade em relação ao que poderia esperar-nos no fim da jornada. Não era agradável, não era correto, mas era a realidade quotidiana dentro das maiores instalações não-oficiais de saúde mental da América.

Adam Brandt já ali ia há anos. Sendo um psicólogo forense experimentado, sempre trabalhara de perto com o Gabinete do Xerife. Licenciado em Harvard, tanto em psicologia para adultos como pediátrica, podia ter feito uma pequena fortuna a atender pacientes que visitavam o consultório privado em Lincoln Park. Só que nunca esquecera as suas origens humildes; nem podia ignorar a sua consciência, daí que desse por si com regularidade nas entranhas da terra sob a Prisão do Condado de Cook.

Os rostos que despontavam nas celas eram deprimentemente familiares e Adam preocupara-se com a possibilidade de voltar a dar de caras nessa manhã com Lemar Johnson.

— Não posso estar aqui, meu. Não posso estar aqui...

— Eu compreendo isso, Lemar, e vou tentar tirá-lo daqui. Mas preciso que olhe para mim. Não posso comunicar consigo se não olhar para mim...

O rapaz de 21 anos baloiçava para a frente e para trás na cadeira, o rosto ocultado nas mãos enormes e cheias de cicatrizes. A sua vida já fora vergada pela violência — o pai assassinado, um primo abatido

a tiro por ocupantes de um carro de passagem — e a sua saúde mental andara sempre no limite do equilíbrio. Era bipolar, sofria de TSPT e recorria regularmente à heroína para conseguir dormir. Da última vez que os caminhos de ambos se cruzaram, Adam lograra enviar Lemar para uma unidade de saúde mental e este safara-se bem depois de ter sido libertado — com uma ajudinha de Prozac e hidroxizina. Adam não aprovava propriamente os medicamentos, mas pareciam fazer efeito — pelo menos até à última noite, quando Lemar ameaçou um homem com uma faca numa churrasqueira de South Shore.

— Tem tomado a medicação?

— Claro, claro...

— Olhe para mim, Lemar.

— Merda, acabou — replicou o jovem, sem erguer o olhar.

— Porquê?

— Eles disseram que tinha de esperar quatro meses por uma consulta de acompanhamento.

Adam sentiu um aperto no coração. Era comum este tipo de queixa, tendo em conta os cortes recentes nos fundos para saúde mental e a escandalosa incapacidade do Capitólio de chegar a acordo num Orçamento de Estado. A intransigência de ambos os lados deixava-o a ferver — nunca eram os políticos que sofriam quando brincavam à política.

— Tentei fazê-los durar. Dia sim, dia não, mas estava a enlouquecer.

— Quando é que acabaram?

— Há duas semanas.

— Devia ter-me contactado. Contactado o Centro.

— Eu tentei, meu.

Adam deixou passar a mentira. Lemar passara claramente por uma fase maníaca — socializando de forma estouvada e gastando o pouco dinheiro que tinha, pelo que não tinha esperança de arranjar uma fiança —, mas começava a cair rapidamente numa profunda depressão.

— Muito bem, vamos arranjar-lhe medicamentos, depois quero que me conte exatamente o que aconteceu. Tem amanhã a sua acusação e quero que a sua advogada disponha de tudo aquilo de que precisa para defender que uma estada curta numa unidade residencial psiquiátrica é o que lhe faz falta. Penso que preferirá isso a continuar aqui...

Lemar parou de se remexer o tempo suficiente para assentir brevemente com a cabeça.

— Bem, então vamos lá conversar.

* * *

Uma hora mais tarde, Adam deu por si de volta ao parque de estacionamento da prisão. Avançou em passada larga para o seu *Lexus SUV* — uma extravagância que se convenceu a si mesmo que seria aceitável, dada a chegada iminente do seu primeiro filho —, olhando para o relógio enquanto andava. Lemar mostrara-se relutante em falar, e levou algum tempo a obter dele um resumo coerente dos acontecimentos. Já passava das 18 horas — teria de rezar para que o trânsito não estivesse muito mau, se era para passar no consultório e chegar a casa a uma hora decente. Estugando o passo, rumou ao carro, abriu a porta do condutor e atirou a pasta e o casaco lá para dentro. Mas, enquanto o fazia, o telemóvel começou a vibrar.

Chamadas àquela hora nunca eram bom sinal e Adam não se espantou ao reconhecer o número. A chamada era de Freddie Highsmith, superintendente do Centro de Detenção Juvenil de Chicago.

— Freddie, vou a caminho de casa — disse Adam, à cautela.

— Eu sei, eu sei — respondeu claramente Freddie —, mas quando se é o melhor no ramo...

— Os elogios não o levam a lado nenhum...

— ... além de que não há mais ninguém disponível. Liguei aos suspeitos do costume, mas está toda a gente indisponível. Olhe, sei que está muito ocupado... mas não posso entregar isto a um recém-licenciado.

Freddie parou de falar, e os seus modos joviais foram-se evaporando à medida que foi sendo tomado pela ansiedade. Adam nada disse, subitamente preocupado, e ouviu atentamente Freddie enquanto este concluía o que tinha a dizer:

— Pescámos um.

3

Jacob Jones esvaziou a cerveja *Gosse Island* e depois bateu com o copo vazio no balcão de madeira, fazendo sinal ao empregado de balcão de que precisava de outra. A condensação ainda se mantinha espessa no copo, e o empregado, incomodado, pegou-lhe de pronto, arqueando uma sobrancelha perante a rapidez com que Jacob bebia. Jacob não reagiu. Tinha a cabeça noutro lado. Além do mais, nem o bar nem o empregado de balcão lhe eram familiares. A *Green's Tavern* era um dos vários tascos à moda antiga da zona que faziam lembrar os tempos da Lei Seca. Os turistas gostavam de ali passar para mergulharem na nostalgia, tirar fotografias deles próprios a bebericar a sua cerveja sob o olhar atento de Al Capone, mas, para Jacob, este lugar não passava de um refúgio provisório — um porto numa tormenta.

O empregado do bar registou o pedido e fez deslizar o copo na direção dele. Tombou espuma pela borda, mas Jacob agarrou-o, erguendo-o com satisfação até aos lábios. À medida que a cerveja loura lhe deslizou pela língua, atingindo-lhe o fundo da garganta, percebeu que a mão lhe tremia, e rapidamente voltou a pousar o copo no balcão. De repente, foi tomado pela emoção — o coração, uma vez mais, batia-lhe com força — e teve de baixar a cara para o chão, para ocultar a sua expressão atormentada.

— Controla-te — murmurou para si mesmo, na esperança de que o grupo de barulhentos turistas britânicos, ali ao lado, não o ouvisse.

Sabia que estava a reagir de forma exagerada. No seu trabalho, depurara com muitos acontecimentos chocantes, mas raramente fora ele a estar no olho da tempestade. Ainda agora, uma hora ou mais depois do confronto, tentava processar exatamente o que acontecera.

Estava tão determinado em chegar a casa que não reparara na rapariga até a fazer cair de rabo. Jogara futebol americano na universidade e muitas vezes aproveitava esses gestos nas movimentadas ruas de Chicago, avançando por entre a multidão graças ao seu jogo de ombros.

Desta vez, no entanto, avaliara mal o ataque e derrubara a adolescente assustada.

Apesar de determinado a regressar depressa a West Town, fora educado a levantar a mão quando em falta. Pelo que verificou como estava a rapariga e ajudou-a a levantar-se. Quando tentou falar com ela, de início pareceu-lhe que estaria bem, tendo murmurando o seu agradecimento, envergonhada. Depois, tudo descarrilou. Do que é que ele estava à espera? De gratidão? De desculpas? De um rubor feminino? Ele sabia que era atraente — alto, bem constituído, com um rosto amável — e noutras ocasiões as mulheres ficaram agradavelmente perturbadas ao dar por si a conversar com ele. Mas na expressão desta adolescente não havia qualquer timidez — ela pareceu *aterrorizada*.

Tentara falar mais com ela, mas a rapariga limitara-se a olhar para ele, muda e a tremer, pelo que acabou por se calar e seguir em frente. Desconcertado, irritado com a falta de gratidão da parte dela, apressara-se a seguir caminho. Nancy não estava em casa — estava numa conferência em São Francisco —, mas ele queria regressar, mesmo assim, para esquecer o estranho incidente.

Mas, ao percorrer em passo resolutivo a North Michigan Avenue, esquivando-se aos entediados turistas, apercebera-se de algo. Alguém gritava, e depois escutou passadas a aproximar-se rapidamente atrás dele. Virou-se depressa — a contar exatamente com o quê? —, mesmo a tempo de ver a rapariga atirar-se a si.

Jacob levou uma vez mais a cerveja aos lábios, esvaziando outra caneca.

O que sucedera a seguir era ainda algo difuso. A rapariga agarrara-lhe o braço direito com força, e depois as lapelas do casaco, tentando desesperadamente manter-se presa a ele. Ele tentara libertar-se enquanto as palavras — tresloucadas e confusas — jorravam da boca dela. Como ainda não o largara, ele tentara libertar-se à força, mas o gesto pareceu enfurecê-la ainda mais. Desatou a gritar — ameaçando-o, se é que dava para acreditar — e ele, por instinto, libertou o braço direito para a esbofetear. Felizmente, tal veio a provar-se desnecessário quando dois agentes da polícia intervieram, puxando a rapariga. Mas nem assim ela desistiu, a guinchar para Jacob, mesmo quando era arrastada para o carro-patrolha.

Ajeitando o seu casaco, Jacob virou costas, incapaz de continuar a observar o lamentável espetáculo. A jovem já não parecia zangada nem ofendida.

Parecia transtornada.

4

— **H**á quanto tempo anda ela nisto?
Adam espreitou pela janela da cela de supervisão. Uma adolescente andava de um lado para o outro, a gritar e a gesticular na direção da porta.

— Desde que chegou — respondeu com uma voz arrastada o agente de detenção. — Primeiro exigiu ser libertada. Depois tentou arrancar a porta. Agora dá-se por contente com os insultos.

Adam digeriu a informação, nunca desviando o olhar da figura que caminhava de um lado para o outro. Uma meia hora antes, estava ansioso por acabar de tratar da papelada e rumar a casa para ver Faith, mas o médico que havia nele já estava a ganhar terreno. Esta adolescente — teria 14, 15 anos, no máximo — encontrava-se claramente em plena crise de esgotamento mental.

— Foi trazida há cerca de uma hora. Tentou roubar um tipo na North Michigan. Mesmo nas barbas da polícia. Tinha fumado erva, pelos vistos, por isso não sei como é que vai conseguir sacar alguma coisa dela.

Sorrindo educadamente ante o aviso do agente, Adam pegou na papelada que este trazia nas mãos para a folhear. Os jovens detidos eram, por rotina, escrutinados antes de falarem com um inspetor, e cabia a psicólogos como Adam decidir se estavam em condições de serem interrogados.

Kassandra Wojcek. Era sem dúvida de origem polaca, com um registo interessante de delitos. Posse de drogas tipo canábis, roubo, resistência à detenção, agressão, comportamento sob influência de drogas e, segundo a documentação anexa da escola, um impressionante registo de faltas. Era de Back of the Yards, um subúrbio a sul próximo do antigo curral que em tempos fora popular entre os trabalhadores polacos, mas que fora abandonado para os porto-riquenhos.

— Mãe? Pai? — quis saber Adam.

— O pai morreu. Tentámos contactar a mãe, mas... Com alguma sorte, conseguimos trazê-la a tempo de ser interrogada...

— Vamos ver se chega a esse ponto — interrompeu Adam, indicando ao agente que abrisse a porta.

Antes de destrancar a porta, o agente olhou para ele, tomando-o nitidamente por um liberal frouxo. Adam entrou na cela, pousando delicadamente a pasta com a informação relativa à rapariga em cima da cadeira, antes de se virar para ela.

— Olá, Cassandra. Posso entrar?

A adolescente nada disse, mas finalmente deixou de andar de um lado para o outro.

— O meu nome é Adam. Sou psicólogo e gostaria de conversar contigo. Pode ser?

Um resmungo foi tudo o que Adam obteve como resposta. Já estava com a impressão de que a rapariga não tinha grande disponibilidade para psicólogos.

— Ora bem, como é que queres que te chame? Cassandra? Kass...

— Kassie — respondeu ela, ainda escondida por detrás da franja.

Adam assentiu com a cabeça, observando-a bem pela primeira vez. Era uma rapariga com um ar estranho — alta, desajeitada, mas atraente, com cabelo comprido castanho-avermelhado a enquadrar-lhe o rosto pálido. Vestia calças de ganga rasgadas, uma camisola de capuz desbotada dos Motörhead e sapatilhas gastas. Era difícil perceber se o desalinho vinha de uma opção de adolescente ou se era produto da falta de meios, mas, tendo em conta o enquadramento social de origem, Adam suspeitou que se trataria do último caso.

— OK, Kassie, então — prosseguiu Adam, remexendo-se ligeiramente para olhar melhor para o rosto estreito e sardento. — Ouvi dizer que hoje tiveste umas chatices. A polícia já me contou o seu lado da história... gostaria muito de ouvir o teu.

O tom dele era acessível e encorajador, revelando compreensão pela detida. Curiosa e intrigada, a rapariga arriscou-se a olhar de modo fugaz para ele. E, de imediato, ele detetou uma reação. Ela pareceu surpreendida, até chocada, com a aparência dele e começou de imediato a recuar, virando-lhe costas e retirando-se para o canto da divisão.

— Sei que estás baralhada, e até confusa — prosseguiu Adam, num tom apaziguador. — E não há mal nenhum nisso. Ninguém gosta de ser enfiado num carro da polícia e ser trazido para aqui. Só quero

assegurar-me de que estás bem, para podermos resolver isto e levar-te para casa. Ajudas-me a tratar disso?

Um longo silêncio, a que se seguiu um breve menear de cabeça.

— Então, estavas na North Michigan Avenue. Ias para casa? Ias para o «L»¹?

— Ia para casa.

— E o que é que se passou?

Mais uma pausa demorada. Ao longe, Adam ouviu passos, mas tentou ignorá-los, concentrando-se antes em Kassie.

— Fui contra um tipo...

— Chocaste com ele?

— A-hã.

— Alguém que conhecesses?

— Não.

— E depois?

A rapariga hesitou em responder. Os passos eram cada vez mais audíveis, pelo que Adam pressionou.

— Kassie?...

— Ele ajudou-me a levantar... e depois foi-se embora.

— Falaste com ele?

— De início não...

— Portanto, mais tarde?...

Ela assentiu com a cabeça.

— E porquê? Porque é que foste atrás dele?

Mais uma pausa, como se a rapariga tomasse uma decisão, e depois:

— Queria falar com ele.

Ela fizera claramente muito mais do que isso, tendo de ser puxada para longe da vítima.

— Porquê? O que é que querias dizer-lhe?

Kassie hesitou no momento em que os passos se detiveram do lado de fora da porta.

— Eu queria... avisá-lo — despejou, num sussurro.

— Avisá-lo em relação a quê?

A porta abriu-se e o agente de detenção enfiou a cabeça pela abertura.

¹ «L» é o nome pelo qual é popularmente conhecido o sistema de metropolitano de Chicago. [N. T.]

— Conseguimos falar com a mãe. Está cá daqui a 20 minutos.

A porta voltou a fechar-se. Adam retomou a investida, mas Kassie virara-lhe as costas, enroscando-se numa bola, visivelmente assustada com a perspectiva da chegada da mãe.

— Porque é que estavas preocupada com ele, Kassie?

Foi dito com clareza, mas ele percebia que estava a perdê-la — a frágil confiança entre eles fora despedaçada pela desadequada intervenção do agente de detenção.

— Disseste que querias avisá-lo — insistiu Adam, avançando um pequeno passo na direção dela.

Mas a adolescente não se mexeu, olhando resolutamente para a parede. Assim sendo, Adam encetou uma derradeira tentativa de lhe chegar:

— Por favor, Kassie. Querias avisá-lo de *quê*?

5

— Não vou apresentar queixa. Só quero esquecer o que se passou. Jacob Jones estava de pé, na treva do corredor, com o telefone encostado ao ouvido. Acabara de chegar a casa e o telefone fixo já tocava quando ele destrancava a porta. Apressando-se a entrar, pegara-lhe de pronto, contando que se tratasse da mãe, que telefonava com frequência quando Nancy ia de viagem. Mas era apenas uma chamada de acompanhamento do Departamento de Polícia de Chicago, no seguimento do incidente em que se vira envolvido.

A preocupação imediata de Jacob foi soar embriagado. Bebera três cervejas numa rápida sucessão — precisou delas para aplacar os nervos, e agora repreendia-se a si mesmo pela sua fraqueza. Adotando o tom profissional, respondeu sobriamente às perguntas do agente, deixando claro que não pretendia avançar mais com o assunto. O agente pareceu desapontado, o que talvez não fosse de surpreender, tendo em conta a profissão de Jacob, mas não ia pressionar.

— A decisão é sua...

— Sem dúvida. E, uma vez mais, obrigado pelo telefonema. Estou muito agradecido.

Jacob era um mentiroso experiente e o agente desligou bastante depressa, desejando-lhe uma noite agradável. A abanar a cabeça, por força da loucura dessas últimas horas, Jacob pousou o auscultador e fechou finalmente a porta da entrada, trancando-a. Esta noite, tinha a casa só para si e estava ansioso por ver o jogo dos White Sox — talvez na companhia de mais uma cerveja fresca.

Largando a mala e o casaco no chão, premiu o interruptor. Para sua surpresa, nada aconteceu. Mantendo a custo a calma — *outra* lâmpada fundida —, avançou em passos largos para a cozinha, acendendo antes a lâmpada desta divisão. Mas, uma vez mais, nada sucedeu, e continuou às escuras. Ligou e desligou com insistência — uma, duas, três vezes — sem sucesso.

— Bolas...

Apressando-se na direção da janela, Jacob espreitou para a pacata rua suburbana. A toda a sua volta, as belas casas cintilavam, intensamente iluminadas por dentro.

— Claro, é só comigo — resmungou, com o seu resistente bom humor finalmente a evaporar.

Rodando sobre os calcanhares, regressou em passos largos ao *hall* e abriu a porta que dava para a cave. Havia uma lanterna pendurada num suporte logo à entrada e Jacob acendeu-a antes de descer para a escuridão. Dançou pó diante do raio de luz da lanterna enquanto descia com cautela dos degraus instáveis. Era raro deslocar-se à cave — e Nancy *nunca* se aventurava a descer — e tinha quase a certeza de que iria falhar o último degrau ou tropeçar em algum bocado de entulho ali esquecido. A sua agenda de trabalho estava demasiado preenchida para poder acomodar um ferimento idiota, pelo que avançou com precaução, até chegar ao chão da cave.

Olhou em volta em busca da caixa dos fusíveis, até dar com ela na parede mais distante. Avançou, desviando-se de caixas com anuários do secundário e material desportivo a esboroar-se, reparando uma vez mais em como o sítio era espaçoso. Tinham de fazer algo com a cave — uma divisão extra podia acrescentar milhares ao valor da propriedade —, mas não hoje. Hoje, só queria descansar e desanuviar. Por isso, abrindo a caixa dos fusíveis, procurou o interruptor geral.

Estava virado para baixo, como era suposto, e, ao investigar mais, Jacob percebeu então que não estourara nenhum dos interruptores individuais.

— Mas que raio?...

Iria ter de chamar alguém? Àquela hora? Deitando a mão ao interruptor principal, puxou-o para cima, segurou-o por um segundo e depois pressionou com força para baixo. Continuou mergulhado na escuridão. E voltou a tentar. E outra vez. O mesmo resultado. Apoiando a cabeça esgotada na caixa dos fusíveis, praguejou baixinho.

Foi então que se apercebeu de algo. O som de alguém a respirar.

Não podia ser, pois não? A casa era segura, não havia sinais de...

Agora ouvia alguém a avançar na sua direção. Em pânico, Jacob rodou a lanterna em redor.

Para ver um homem com uma máscara de esqui a atirar-se a ele.

6

O Union Stock Yard sempre tresandou a morte. Situado em Back of the Yards, funcionara como um íman para trabalhadores imigrantes, que afluíram aos milhares aos matadouros. Naquela altura, era Chicago a capital mundial do abate de suínos, não faltara trabalho, com mais de mil milhões de animais a transpor os seus portões para a sua derradeira viagem. Todavia, o recinto estava agora devoluto, há muito encerrado e suplantado por operações mais eficientes noutros locais.

Kassie e a mãe passaram por lá em silêncio. O pai de Kassie, Mikolaj, trabalhara e morrera nos currais de gado e, sempre que viam aquele espaço, elas calavam-se abruptamente. Não que isso hoje se revelasse um problema — Natalia não abrira a boca desde que fora recolher a filha ao Centro de Detenção Juvenil. A chamada chegara logo depois de ela ter saído do trabalho, o que fora uma pequena bênção, mas não o bastante para dar algum descanso a Kassie.

Dobraram a esquina para a South Ada Street, passando por um par de propriedades entaipadas enquanto percorriam juntas os derradeiros 30 metros. A casa, que era o lar de Kassie há 15 anos, destacava-se na paisagem. Era um bungalow pequeno, mas imaculado. A pequena faixa de relva na frente apresentava-se muito bem aparada, os degraus para o alpendre estavam limpos e a grade de metal ornamentada que protegia a porta da entrada fora pintada havia pouco. Independentemente do que se disse do lar dos Wojceks, nunca poderá ser menos do que imaculado.

Kassie olhou fixamente para as sapatilhas enquanto a mãe destrancava a grade. Para muitos, os elevados padrões de Natalia eram admiráveis, mas Kassie sempre se sentira ligeiramente embaraçada por eles.

Datavam de tempos idos, quando os subúrbios estavam repletos de boas famílias católicas, todas a competir entre si para exhibir a sua recente prosperidade. Mas as outras famílias polacas já tinham partido,

instalando-se outras comunidades nas vizinhanças, com a maioria dos recém-chegados a optar por ruas mais agradáveis do que a delas. Havia várias propriedades abandonadas na rua — os agentes imobiliários não conseguiam fazer negócio por ali —, mas parecia que Natalia não reparava. Parecia ainda uma jovem acabada de saltar do barco, carregada de esperança e de sonhos.

A vida não fora amável para nenhuma das duas e Kassie sentiu-se tomada pelo desânimo quando entraram no sossegado bungalow. Kassie — Cassandra Alicja Marta — era a única filha de Natalia e, dado que voltar a casar era algo fora de questão para uma viúva respeitável, permaneceram apenas as duas, sempre juntas neste lar que gentilmente se mantinha à moda antiga, ano após ano.

Natalia entrou na cozinha, pousando a carteira sobre a mesa com um sonoro baque — um baque que, sabia Kassie, era a si dirigido. Por norma, Kassie teria rumado diretamente ao quarto, mas deixou-se ficar à porta a olhar para a mãe. Sabia que estava em apuros, mas na verdade ainda se sentia perturbada com os acontecimentos da tarde e esperava por um qualquer sinal de degelo, por uma migalha de conforto.

Natalia abriu o frigorífico, tirando de lá um pequeno prato de porcelana com meia salsicha e um tomate fresco. Sem olhar para a filha, dirigiu-se à sala de estar, ligando o televisor enquanto se acomodava na poltrona. Kassie virou-se para olhar para ela, apercebendo-se de como a mãe parecia pequena na sala grande que enquadrava o antigo aparelho de televisão e as inúmeras fotografias do papa João Paulo II. Já tinham representado imensas vezes esta cena, com a mãe a fingir que via televisão, mas sem na realidade interiorizar nada. A comida ali ficou, intocada, no seu colo, enquanto Natalia remexia as contas do rosário que herdara da avó. Era um quadro ridículo, mas convincente, para vincar o seu ponto de vista. Kassie nessa noite não teria o que comer, nem sequer seria confortada.

Ali não havia perdão.

7

O trânsito fluía bem. Passava *November Rain* na WKSC e já se afastavam da mente de Adam quaisquer pensamentos de um dia complicado. Apesar de esta viagem do sul de Chicago para o frondoso Lincoln Park de classe média frequentemente ser acompanhada por um certo sentimento de culpa, acabava sempre por relaxá-lo, com a vista do lago Michigan invariavelmente a animá-lo. A noite adivinhava-se particularmente encantadora, com o sol refletido no espelho de água enquanto as inúmeras aves que ali faziam ninho na primavera circulavam ociosamente no alto. Mas conduzir pela Lake Shore Drive significava para Adam mais do que um cenário bonito. Significava que ia para casa.

A casa era uma bela moradia de três pisos, geminada. Compraram-na no ano anterior — uma despesa considerável — e nunca se arreponderam. O seu novo lar tinha quatro belos quartos, espaço para ambos trabalharem em caso de necessidade e, o melhor de tudo, montes de espaço no exterior. Adam já via a sua primeira bebé a andar no jardim das traseiras, a dar os seus primeiros passos — valera a pena endividarem-se até ao limite. Afinal, era isto que se fazia — estudava-se muito, trabalhava-se muito, para se poder comprar uma bela casa e brincar aos adultos.

A canção era agora um tema pouco memorável de Bryan Adams, e Adam, desligando o rádio, virou para a North Lincoln Avenue e pouco depois estacionou à porta do edifício familiar de pedra cinzenta. Nas suas fantasias, imaginara por vezes Faith parada à porta para o receber com um cocktail, mas foi coisa que nunca sucedeu. Faith era uma pessoa muito ocupada e, além disso, aquilo seria para ela uma imagem demasiado suburbana. Adam sempre o soubera — na verdade, fora uma das razões que o haviam levado a casar com ela.

Fechando a porta da entrada atrás de si, pousou a pasta no chão e enfiou a cabeça na cozinha. Estava vazia, mas Adam divertiu-se ao

ver o jornal pousado aberto em cima da banca na página do horóscopo — o *guilty pleasure* da sua mulher. Abandonando a cozinha, apressou-se a atravessar a sala de estar e a passar para lá do quarto de hóspedes, até chegar ao estúdio voltado para o jardim das traseiras. Era o reino de Faith e Adam entrou nele respeitosamente, abrindo com cuidado a porta e movendo-se em bicos de pés. Para sua surpresa, a mulher, tremendamente grávida, estava sentada no seu banquinho, de costas para o quadro, a olhar diretamente para ele.

— Subtil como um tijolo, silencioso como um elefante...

Faith lançou-lhe um olhar censório, mas com um sorriso por detrás dos olhos. Era britânica e Adam adorava o modo como se expressava. Apesar de já estarem juntos há mais de 10 anos, ela ainda se saía com frases ou palavras que o surpreendiam.

— De qualquer modo, é bom ter-te de volta — prosseguiu, voltando-se de novo para o quadro. — Já quase tinha desistido de ti.

Era a fingir e Adam não se deteve, abeirando-se dela e enfiando os braços em redor da sua barriga, puxando-a para si.

— Foi um dia muito longo — murmurou, beijando-lhe o pescoço.

— E não é sempre assim?

— Quando é preciso...

— O meu herói. Por falar nisso, agora descanso por dois, por isso não tive a oportunidade de preparar o jantar.

— Eu trato disso.

— Tu és o meu herói — reagiu Faith, com Adam a beijá-la mais uma vez no pescoço.

Ela retomou a pintura e, largando-a, Adam fitou-a por momentos. Ficara deslumbrado quando a conhecera — na sala de espera do seu pretensioso novo consultório —, mas agora sentia-se absolutamente conquistado. O seu entusiasmo, a sabedoria, o talento, a graciosidade. Adorava vê-la pintar, dando pinceladas com uma facilidade treinada, absolutamente concentrada na tarefa em mãos, alheada de tudo. Levava-o a sentir que tudo ia bem no mundo. Levava-o a amá-la.

Recuando para a porta, deteve-se para uma derradeira olhadela para ela. Era em alturas como aquela que se achava o homem mais sortudo do mundo.

8

Jacob despertou de repente, percebendo de imediato que se sentia cheio de frio. O coração batia intensamente, doía-lhe o pescoço, mas eram os seus membros trementes que lhe exigiam a atenção. Sentia pele de galinha nos antebraços expostos e ia a esfregá-los... mas descobriu que tinha os braços presos atrás das costas. Tentou levantar-se, mas as pernas despidas também estavam atadas. Para seu horror, deu por si amarrado a uma cadeira de metal, nu, vulnerável e sozinho.

Começou a recordar o sucedido. A cave. O rosto mascarado. A terrível sensação de sufoco. Um gemido de terror escapou-lhe dos lábios, e, percebendo que nada lhe tapava a boca, gritou:

— Está aí alguém?

Nada mais do que silêncio. Passou os olhos pela divisão sombria, mas parecia vazia.

— Por favor... alguém me ouve?

O som ecoou nas paredes, mas não teve resposta. Agitando os dedos dos pés gelados numa débil tentativa de se manter quente, Jacob reparou então em algo mais. Havia qualquer coisa sob os seus pés. Era fria e macia e enrugava ruidosamente quando ele se mexia. Baralhado, olhou para baixo. E o sangue gelou-se-lhe. A cadeira a que fora atado estava posicionada no meio de uma enorme extensão de plástico.

Em pânico, começou a corcovear furiosamente, tentando fazer avançar a cadeira. O terror deu-lhe forças e Jacob esforçou-se e saltou violentamente. A cadeira avançou um centímetro e depois mais outros — e de repente a cabeça foi sacudida para o lado. Por momentos, sentiu-se zozzo e desorientado, incapaz de compreender o que sucedera, mas, ao endireitar-se, percebeu que alguém o atingira com força na face direita.

— Fica quieto.

A voz era calma, projetando-lhe o medo pelo corpo. Vinha de trás e Jacob esforçou-se por deitar uma olhadela ao agressor. Mas, com os braços e ombros muito bem atados, não conseguiu virar-se o suficiente.

— Por favor — arquejou Jacob. — Eu dou-lhe o que quiser...

— Eu tenho tudo aquilo de que preciso — silvou discretamente a voz.

O homem deteve-se atrás dele. De imediato, Jacob conteve os queixumes — algo frio e macio assentara no flanco do seu pescoço. Lentamente, foi subindo e depois parou, virando-se para o seu lado. Jacob sentiu uma picada curta e forte, e depois uma sensação de calor, quando o sangue começou a escorrer-lhe pelo pescoço.

— Por favor, não faça isso — implorou, com lágrimas a firmarem-se nos olhos. — Eu vou casar...

Uma mão firme agarrou-lhe o ombro. Jacob voltou a corcovear, tentando desesperadamente mover a cadeira, sem qualquer sucesso. E voltou a sentir aquela terrível sensação... aço frio a roçar-lhe a pele.

9

Kassie avançou pelo corredor em silêncio, espreitando nervosamente para trás.

Aguentara algumas horas o silêncio inabalável da mãe, mas o cansaço acabara por vir em seu auxílio. Natalia tinha três trabalhos para conseguir pagar as contas e era frequente adormecer em frente ao televisor. Num par de ocasiões, Kassie pensou que a mãe teria apagado — com os olhos a vacilar até se fecharem —, mas Natalia acabara por despertar, olhando com desconfiança em redor como se contasse ser enganada. Mas lá acabou por se deixar vergar, com o som grave do ressonar a tomar conta da sala espartana.

Erguendo-se da poltrona, Kassie apressou-se na direção das traseiras da casa. Uma pequena caminhada pelo corredor às escuras, evitando as tábuas do soalho que rangiam, e estava de volta à divisão das traseiras, a pequena zona de serviço onde havia uma banca, uma máquina de lavar roupa e inúmeras embalagens de detergente barato. Correndo para a banca, Kassie abriu para trás as portas do armário que havia por baixo. Agachando-se, mergulhou lá para baixo, afastando garrafas de lixívia e detergente industrial, para revelar uma lata antiga de polidor de pratos. Rodando a tampa, puxou-a para fora, antes de retirar lá de dentro um pequeno pacote. Enfiando-o no bolso, voltou a fechar a lata, recolocando cuidadosamente todas as garrafas nas posições originais. A seguir, verificando se não havia nada deslocado, fechou as portas do armário e afastou-se.

Lançando uma espreitadela ao relógio antigo — já passava das 23 horas —, Kassie destrancou a porta das traseiras. Sentiu o ar frio a saudá-la e puxou o capuz para cima, ocultando da noite as suas feições. Ao longe, um cão ladrou e Kassie virou-se para verificar se o sono da mãe fora perturbado. Mas não houve quaisquer sinais de movimento e Kassie ainda lhe ouvia o suave ressonar.

Aliviada, Kassie saiu apressadamente, desaparecendo na noite.

10

A inspetora Gabrielle Grey avançou em passos largos na direção do enorme edifício de tijolo vermelho. Entrou. Era de manhã bem cedo, mas já havia bastante movimento na sede do quartel-general do Departamento de Polícia de Chicago, na South Michigan Avenue — agentes da polícia, analistas, pessoal de ligação aos *media* e pessoal de apoio atravessavam-se no caminho de Gabrielle enquanto avançava para os guardas que controlavam as entradas. Reconhecia alguns, outros não, mas havia um rosto que lhe era quase tão familiar quanto o seu — Norm, o oficial de dia que dirigia a recepção desde que ela se recordava. A CPD² mudara-se para estas novas instalações em Bronzeville em 2000 e desde então Gabrielle nunca vira Norm de pé, uma característica que estava na base de muitas piadas da esquadra. A justiça nunca dorme, gostava de dizer a sua equipa em relação a Norm, senta-se.

— Bom dia, Norm. Novidades?

— Nada de mais. O Hoskins está a dirigir uma reunião de crise no Centro de Comando...

— Outra?

— O habitual. Além disso, o Sol brilha, o céu é azul e os Cubs são a maior...

— ... equipa de basebol do mundo — rematou Gabrielle, para visível deleite de Norm.

Depois de passar, Gabrielle apanhou o elevador para o oitavo piso. De lá, era uma curta caminhada até ao Gabinete de Inspetores, o mais prestigiado departamento do edifício e o seu feudo pessoal nos últimos três anos.

— Bom dia, chefe.

² Sigla do Chicago Police Department, ou seja, em português, Departamento de Polícia de Chicago. [N. T.]

Vários agentes de patente mais baixa saudaram-na quando avançou em passos firmes na direção do gabinete, ao canto. Retribuiu os cumprimentos, pegando entretanto no *bagel* que levava na mala. Estava esfomeada, por ter abdicado do pequeno-almoço para ir levar os rapazes à escola a tempo, e ansiava por cravar os dentes na sanduíche de bacon, alface e tomate, mas foi detida pela visão de três novas fotografias no quadro de casos. A adjunta, a inspetora Jane Miller, já tinha saído em serviço, pelo que o inspetor Suarez se apressou a juntar-se-lhe. Suarez já trabalhava com Gabrielle há mais de cinco anos e era um inspetor eficiente e de confiança.

— O que é que temos aqui? — perguntou Gabrielle, a olhar para os rostos.

— Uma morte em South Shore — respondeu Suarez, indicando o homem caucasiano na primeira fotografia. — Homicídio de gangue. Três balas, na cabeça e no pescoço, enquanto estava sentado no carro. O atirador fugiu numa motorizada.

Assentindo com um ar sombrio, Gabrielle apontou para os restantes.

— E os outros?

— Duplo homicídio em South Lawndale. Dois atiradores, pensamos nós, com armas semiautomáticas. Ocorreram numa hamburguearia muito popular e a horas tardias, mas, adivinhe lá, ninguém viu nada.

— Seja como for, manda lá mais uns agentes extra — replicou Gabrielle. — Vejam se encontram alguém com consciência.

— Alguém com *cojones* — corrigiu-a Suarez.

— E fala com os líderes religiosos locais e com os assistentes sociais — recomendou Gabrielle. — Têm de saber alguma coisa...

Suarez foi tratar das suas incumbências, levando consigo um par de colegas inspetores. Gabrielle viu-os sair, olhando em volta pelo gabinete despido. Gabrielle tinha uma equipa grande — a maior da CPD —, mas era constante a falta de pessoal, dada a grande quantidade de homicídios com armas de fogo com que tinha de lidar. O presidente da câmara prometera não dar tréguas aos gangues — providenciando verba extra para os agentes da polícia, assim como iniciativas sociais e destinadas à juventude —, mas até agora poucos progressos haviam sido registados.

Gabrielle olhou para as fotografias. Três homens abatidos a tiro, a sangue-frio... por que motivo? Por pertencerem a um gangue rival? Por se perderem no território errado? Por desrespeitarem alguém no *Twitter*? Já fora assassinada gente por menos. Era dever de Gabrielle e da sua equipa levar os assassinos à justiça, mas sabia que seria

complicado. Comunidades demasiado assustadas para falar. Barões da droga dispostos a tudo para sobreviver. Agentes da polícia e inspetores sem mãos a medir por força do constante derramamento de sangue. Ainda assim, eles fariam... ela faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que fosse feita justiça, por respeito às famílias, estimulada apenas pelo seu sentido do dever, pela sua determinação e pela sua sanduíche fria. Enquanto Gabrielle continuava a observar as fotografias, recordou-se de algo que o superintendente Bernard Hoskins lhe dissera no seu primeiro dia de trabalho.

Ninguém se torna inspetor em Chicago a contar com uma vida fácil.

Adam acordou com o cheiro a panquecas. Faith era uma boa cozinheira, quando podia dar-se a esse trabalho, mas as manhãs nunca eram o seu melhor momento, e o aroma a massa de bolos fresca significava apenas uma coisa. Christine.

Ao contrário de muitos homens, Adam gostava bastante da sogra. Era calorosa, amável e tremendamente generosa. No entanto, o seu hábito de entrar em casa deles era um bocado enervante, por muito agradáveis que os resultados se viessem a revelar. Com a data do parto de Faith cada vez mais próxima, as inesperadas aparições de Christine haviam-se tornado cada vez mais frequentes e não passava um dia sem que Adam não deparasse com a sogra — por norma, quando estava seminu ou exausto. Se ela tinha um defeito, era ser *demasiado* atenciosa, mas até isso podia ser-lhe perdoado. Vivia sozinha — o seu inútil marido já não passava de uma memória vaga — e o nascimento da primeira neta teria de ser sempre especial.

Rolando para o lado, Adam surpreendeu-se ao dar com a cama vazia. Faith escondia-se da mãe com frequência, fingindo dormir, até se sentir pronta para ser inquirida sobre os seus planos relativos ao parto. Pegando no roupão, arrastou-se até à cozinha e surpreendeu-se ao dar com a mulher vestida e pronta para sair, terminando um pequeno-almoço saudável sob o olhar atento e aprovador da mãe.

— Esqueci-me de alguma coisa? — murmurou Adam enquanto se servia de algum café. — O bebé não nasce hoje, pois não?

— *Ela* não é esperada nos próximos dias — venceu Faith. — Mas a mãe vai ajudar-me a pintar o quarto.

— O relógio não para — intrometeu-se a mãe dela, mal conseguindo conter o entusiasmo.

— A não ser que *tu* queiras ajudar? — prosseguiu Faith.

— Adoraria, mas tenho a agenda preenchida...

Era verdade. Uma das coisas que a América tinha de bom era haver sempre alguém a precisar de um psicólogo. Com um derradeiro e jovial

insulto relativo aos fracos talentos manuais dele, Faith saiu com a mãe, deixando Adam a consultar a agenda, enquanto devorava as panquecas. Era uma lista preenchida, com alguns casos bastante desafiantes. Mas, para ser sincero, Adam estava com a cabeça noutro lado. Passara mal a noite, a pensar incessantemente no interrogatório no Centro de Detenção Juvenil. Quando se trabalha tempo suficiente numa determinada área, qualquer trabalho se transforma em rotina. Ele era visita habitual do Centro de Detenção Juvenil tanto quanto o era da Prisão do Condado de Cook, mas Kassie surpreendera-o. Era incapaz de afastar da mente a expressão dela quando o viu — seria choque? Horror? Medo? —, tal como o que ela lhe dissera a seguir. Ele contara que a adolescente se desculpasse pelo ataque à vítima — talvez até que o culpasse a ele por a atacar, como muitos faziam. Mas ela dissera que tentara apenas avisá-lo e, apesar de se ter recusado a desenvolver, fizera-o com tal convicção que Adam não conseguiu evitar ficar intrigado. Que queria ela dizer? Porque é que sentira que ele corria perigo? Mais importante, seria o perigo real?

Adam estava preocupado com ela. Estaria a alucinar? Presa por alguma forma de «pensamento mágico», dentro do qual as suas fantasias de algum modo se manifestavam? Ou saberia ela algo sobre o homem, sobre alguma ameaça invisível ao bem-estar dele? Essas eram as questões que não lhe saíam da cabeça, apesar de ele saber que eram pensamentos sem sentido e inúteis.

Com toda a probabilidade, nunca mais veria a intrigante Kassandra Wojcek.

12

Kassie avançou determinada pela rua fora, ignorando os olhares curiosos das mães que passavam com carrinhos de bebê. Era alta para a idade, mas ainda parecia demasiado jovem para não estar na escola àquela hora. Baixando o rosto para o chão, seguiu em frente. Com a curiosidade e a censura das mães de classe média conseguia ela lidar — já deparar-se com um agente da polícia seria uma história completamente diferente. Além disso, restava-lhe muito pouco tempo antes de a secretária da escola ligar à mãe, pelo que teria de se despachar.

Já havia muito movimento na West Town, como habitualmente, com os passeios cheios de gente às compras, de bebês bem vestidos acompanhados das cuidadoras. Kassie teve de se manter calma enquanto abria caminho por este próspero tráfego humano, mas avançou depressa e passado pouco tempo estava à porta da despretensiosa casa de Jacob Jones.

A vivenda suburbana que Kassie tinha à sua frente parecia sem vida — cortinas corridas, luzes apagadas, a porta da frente fechada e trancada. Esta rua popular e requintada era o tipo de lugar onde seria fácil encontrar pessoas a espreitar por trás das cortinas, pelo que Kassie não se demorou, avançando pelo corredor que havia na lateral da casa. Tentou abrir as janelas francesas nas traseiras e depois a entrada da arrecadação, mas estavam ambas trancadas.

Mas, ao investigar melhor, deparou com uma janela lateral que serviria o seu propósito. Contava apenas com um único e frágil trinco — nada de cadeado —, pelo que Kassie não hesitou, dando uma cotovelada no vidro. Já o fizera antes e sabia que um golpe curto e seco minoria as possibilidades de um ferimento. Retirando o braço e limpando os vidros, foi com agrado que viu um grande buraco na janela. Calçando um par de luvas de lã — desapropriadas, dado o clima quente primaveral —, enfiou a mão pelo buraco e com gentileza levantou o trinco, antes de abrir a janela e trepar lá para dentro.

Pouco depois, estava sozinha no corredor. O coração batia-lhe muito depressa e uma vez mais questionou a inteligência de ali ir. Quase voltou para trás, por diversas vezes, dados os problemas que se arriscava a enfrentar, todavia, ali estava.

Passou rapidamente pelas divisões do rés do chão — não contava encontrar nada ali — e depois subiu ao primeiro piso. Entrara o mais silenciosamente possível na casa, não querendo denunciar a sua presença, mas em parte contava que a noiva de Jones surgisse a correr pelas escadas, exigindo saber o que ela fazia ali. Mas a casa parecia um túmulo, sendo a única companhia de Kassie o ranger constante do soalho enquanto avançava pelo patamar do primeiro andar.

Abrindo ligeiramente a porta do quarto principal, espreitou para o interior. Pareceu-lhe vazio, pelo que entrou bruscamente, passando a mão sobre a colcha de cetim da cama de casal, antes de passar pela porta da divisão que fazia de armário. Também esta se encontrava vazia, pelo que rumou ao quarto de hóspedes. Estava impecável, tal como o estúdio, e, ao descer as escadas para o corredor, Kassie começou a ficar preocupada. Arriscara-se e dera-se a todo este trabalho para nada?

Estacou, perplexa e irritada, a pensar no passo seguinte, quando avistou uma outra porta. Uma porta ligeiramente entreaberta. Atravessando o corredor, deitou cuidadosamente a mão ao puxador e abriu suavemente a porta. De imediato, foi atingida por um sopro de ar frio, ao descer o empoeirado lanço de escadas que dava para baixo.

Kassie olhou de novo para trás, para o corredor, como se temesse uma emboscada, mas estava tudo tranquilo, pelo que devolveu a atenção à escadaria. Apalpando a parede lateral, detetou um gancho, que em tempos presumivelmente terá sustentado um candeeiro ou algo similar, mas agora não se encontrava lá nada, pelo que, pegando no *iPhone*, Kassie acionou a aplicação da lanterna e entrou.

A primeira coisa que a atingiu foi o cheiro. Húmido, podre, desagradável. Tapando a boca e o nariz com a manga, observou o que a rodeava, com os olhos a acostumarem-se à escuridão. O pó nas escadas fora recentemente perturbado, mas era difícil dizer quando. Deveria seguir as pegadas leves para ocultar a sua presença ali ou deveria deixá-las como estão? Optando por esta última possibilidade, começou a descer, mantendo os pés o mais possível na beira das escadas, para minimizar o seu rasto.

Um passo, e depois outro e mais outro. Kassie sentia o coração na boca e teve de forçar as pernas a avançar. A lanterna era potente, mas

de alcance limitado. Apanhava apenas partes da cave, e ficou perturbada com as sombras assustadoras que o raio da lanterna projetava nas paredes. Seguiu em frente, convencida de que a qualquer momento descobriria um cenário macabro, na esperança de não perder a calma quando assim fosse.

Chegara ao derradeiro degrau e cuidadosamente assentou o pé no chão da cave. Sentiu um aperto tão forte no peito que quase não a deixava respirar. Sabia exatamente o que ali encontraria e em parte queria virar costas e fugir. Mas Kassie não era uma covarde. Viera até ali, pelo que, agora, com um movimento súbito, rodou o raio da lanterna pelo chão da cave. Arquejou e levou a mão ao peito... mas não havia ali nada. A divisão estava deserta, desprovida de presença humana, um pacato depósito de livros de fim de curso do secundário e material desportivo antigo.

Crac.

Ao dar um passo em frente para continuar a investigar, o pé esmagou algo. Curvando-se, surpreendeu-se ao ver pequenos cacos de vidro espalhados pelo chão, cintilando como diamantes ao serem varridos pela sua luz. Baralhada, Kassie alargou o alcance do feixe de luz e detetou uma lanterna caída e parcialmente ocultada pela beira de uma caixa de cartão. Com a ponta da sapatilha, fê-la rolar para fora do esconderijo. Tal como suspeitara, tinha o vidro partido, tal como a lâmpada.

Sentiu um sobressalto no coração. Obviamente, haveria explicações inocentes para a presença da lanterna partida — Jacob talvez a tivesse deixado cair sem ser capaz de a encontrar às escuras —, mas Kassie rapidamente as descartou. De repente, por razões que sentiu dificuldade em explicar, Kassie percebeu que fora ali que acontecera.

Ali fora selado o destino de Jacob Jones.

13

Dwayne Reid, o polícia de patrulha, soltou um valente arrote enquanto via os carros a passar. A parceira — uma vegetariana emproada chamada Lesley — suspirou sonoramente, mas ele ignorou-a, deixando rolar na boca os sabores do snack. Todas as manhãs visitava o Taco Bell para ir buscar uma salsicha e um biscoito de queijo. Por um lado, servia para satisfazer o estômago rugidor; por outro, para irritar a parceira. Mesmo que não apreciasse a salsicha gordurosa e picante e o queijo grosso tipo borracha, tê-los-ia comprado só para espoletar nela uma reação. Com alguma sorte, a paciência dela em breve chegaria ao limite e acabaria por pedir uma mudança de parceiro.

Nada agradaria mais a Dwayne. O serviço de patrulha era entediante — horas e horas a circular de carro pelos locais principais de tráfego, em busca de incidentes —, e um bom colega era essencial. O agente de patrulha Michael Garvey fora precisamente isso — divertido, espalhafatoso, politicamente incorreto —, mas foram apartados depois de uns relatos infundados de terem abandonado os postos nas horas de trabalho. Daí ter agora a companhia da *Miss Bem-Comportada*.

— Vais fazer alguma coisa interessante logo à noite, Lesley? Um encontro?

— Não sejas parvo, Dwayne. Sabes muito bem que sou casada.

— Não digas não sem o provares. De contrário, como é que hás de manter as coisas picantes na cama?

Lesley abanou pesarosamente a cabeça, mas não comentou.

— Diz-me — prosseguiu Dwayne. — Sempre gostaste de gajos? Ou alguma vez foste com outra rapariga?

— Por amor de Deus. — Virou-se para ele, agora visivelmente aborrecida. — Achas mesmo que vou partilhar a minha vida sexual contigo?

Dwayne estava para responder, de modo encorajador e afirmativo, mas algo lhe chamou a atenção. Um *Lincoln Continental* preto passara

a grande velocidade no cruzamento diante dele, ignorando o semáforo vermelho e falhando por pouco uma carrinha.

— Está no ir — gritou, animado, Dwayne, ligando as sirenes ao desencostar da berma.

A conversa terminou, com ambos os agentes concentrados no carro diante deles. A maioria das perseguições terminava depressa, com os aterrorizados condutores de classe média a encostar assim que se apercebiam das luzes azuis giratórias. Mas o *Lincoln* não dava mostras de pretender parar — na verdade, ia a acelerar, passando mais um semáforo vermelho conforme fugia deles.

— Agentes em perseguição a um *Lincoln Continental* preto em direção a sul na Dan Ryan Expressway. Matrícula H23 3308. Peça apoio e interceção.

A voz de Lesley era nítida e viva — até Dwayne tinha de admitir que ela era boa em situações como esta.

— Vê se eles conseguem sacar o helicóptero — atirou ele. — Estes tipos não estão para brincadeiras.

Lesley transmitiu o pedido por rádio e obteve resposta afirmativa. Recentemente, houvera muitos acidentes com fuga, demasiadas perseguições fatais, para que não fossem destacados todos os meios disponíveis.

Dwayne manteve a distância para o veículo, rezando para que tomassem a saída seguinte. Se seguissem em frente, poderia ser uma longa perseguição, dada a impossibilidade de encerrar a autoestrada àquela hora do dia. Seria sensato da parte deles tentar despistar os perseguidores com uma mudança de direção? Mas não, aparentemente seguiriam em frente.

— Assim não, seus anormais.

De repente, o *Lincoln* atravessou um par de faixas, saindo da estrada na direção da saída.

— Assim mesmo, rapaz! — rugiu Dwayne, rodando de repente o volante para seguir o *Lincoln*.

Sabia que o combate terminara e, como esperara, ao aproximarem-se do fundo da saída, viu que o *Lincoln* parara de repente, com o caminho bloqueado por dois carros-patrolha. A porta do condutor já se abria e Dwayne não hesitou, acelerando antes de travar com uma derrapagem diante do suspeito em fuga.

— Mãos onde eu as possa ver.

Lesley já saltara do carro, apontando a arma ao suspeito, que estacou repentinamente. Dwayne seguiu-a, irrompendo do carro e apontando

a arma ao acompanhante do condutor, que também ponderava a fuga. Eram ambos jovens. Porto-riquenhos e bastante agitados.

— Vamos lá com calma, Diego. Não queiras entrar para as estatísticas...

Dando por si sem escapatória, os suspeitos cederam e pouco depois os seus rostos batiam com força no capô, enquanto eram algemados.

— Bem pensado, rapazes. Agora vamos lá ver o que têm. — Dwayne palrou alegremente enquanto os revistava. — Ora bem, 50 dólares, uns cigarros... e uma arma de fogo.

— Está descarregada, meu.

— Não sei se o juiz vai querer saber disso — replicou Dwayne, largando a gasta *Smith & Wesson* no saco de provas de Lesley. — Mais alguma coisa que seja conveniente eu saber?

Ambos os suspeitos abanaram a cabeça, e, depois de ter confirmado que diziam a verdade, Dwayne passou ao interior do carro. Abrindo o porta-luvas, verificou o conteúdo.

— Um pacote de rebuçados *Lifesavers*, um mapa do Illinois e...

— ... *Guia Fodor's para Hotéis Românticos no Montana*. Pessoal, têm a certeza de que este carro é vosso?

— É emprestado — murmurou sombriamente o condutor.

— É claro — riu Dwayne, lançando um olhar para a zona dos pés do pendura, antes de incidir a atenção na traseira da viatura. E parou. A mala permanecia fechada, mas havia uma mancha castanho-escura no puxador que lhe chamou a atenção. Lesley olhava para ele, intrigada com a sua expressão séria, pelo que não se demorou mais.

— Então muito bem, rapazes, vamos lá ver o que aqui temos...

Abrindo o fecho, levantou a tampa da mala. Por momentos, pareceu ficar imóvel. Não se mexeu nem reagiu de início, espantado com o que via diante dele.

— O que é, Dwayne?

Preocupada com a expressão dele, com o seu súbito silêncio, Lesley avançou um passo na sua direção, na esperança de ver o que o perturbava. Mas, antes de conseguir fazê-lo, Dwayne virou repentinamente costas ao carro e vomitou o pequeno-almoço no alcatrão frio.

«Arrepiante e de leitura compulsiva.»

The Times

Adam Brandt é um psicólogo forense, bastante habituado a lidar com os membros mais perturbados da sociedade. Mas Adam nunca conheceu ninguém como Kassie.

A adolescente afirma ter um dom terrível — basta-lhe olhar diretamente nos olhos de alguém para saber quando essa pessoa irá morrer. E de que forma isso irá acontecer.

Obviamente, Adam sabe que Kassie deve sofrer de algum distúrbio mental. É nesse momento que um assassino em série ataca a cidade. E só Kassie parece saber quem ele vai matar em seguida.

Contrariando a sua intuição, Adam começa a acreditar em Kassie. Apenas não tem consciência de quão fatal a sua fé pode vir a ser...

«Uma história bem contada, com uma personagem principal convincente, que nos dá a sensação de estarmos a assistir a uma série televisiva dramática.»

Daily Mail

Leia também a coleção *Helen Grace*:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-576-8



9 789896 685768

Thriller